**“Na minha vida, o que mais faz sentido é ser a mão amiga que tantas vezes me acolheu”**

*Ariadne Ribeiro*

Mulher Trans, guerreira e mãe. Assim podemos definir Ariadne Ribeiro, que escreveu mais uma página do livro de sua vida lutando contra as barreiras impostas pelo preconceito, a batalha contra as drogas, o teste de HIV e as desilusões. Mas também a mulher forte que passou por todos estes desafios e hoje é “a mão amiga” que acolhe pessoas em estado de vulnerabilidade e dependentes de substâncias psicoativas.

**Ariadne percebeu que era uma mulher aos 13 anos de idade. À época, seus pais não aceitaram sua identidade de gênero, o que fez com que ela saísse de casa. Aos 18 anos, depois de ter perdido sua avó, ela foi estuprada e descobre que havia contraído HIV**. “**Levei um choque. Passei por um turbilhão de coisas e só me atentei mesmo para o HIV quando estava com 42 quilos e um quadro de tuberculose**”, diz.

Foi então que ela virou mais uma página. Em busca de aceitação, ela buscou proteção aos braços de uma pessoa que julgava ser o homem de sua vida. Foi um grande erro e um grande acerto também. O erro por que ela se casou com uma pessoa perigosa, que possuía ligação com o crime, em especial no tráfico de drogas. E o primeiro acerto devido justamente ao tráfico de drogas, Ariadne utilizou a máxima de “quem vende, não consome”, fazendo com que ela parasse de utilizar.

O segundo acerto deste relacionamento, foi o fato de se tornar mãe. Com 30 dias de relacionamento, ele me apresentou o Bruno, seu filho, que tinha 2 anos. “Cuidei dele até os 9 anos e sou mãe dele. Eu sinto orgulho muito grande de ter me colocado neste papel. Talvez não tenha sido um pai ou mão biológicos, mas eu sou a referência dele como mãe”.

Ariadne continua o tratamento para o HIV e hoje está indetectável. Ela se formou e está terminando o doutorado do Programa de Psiquiatria e Psicologia Médica da UNIFESP. Ela trabalha com pessoas dependentes de substâncias psicoativas, em especial com populações-chaves e procura atender pessoas Trans, por estar diretamente ligado à sua trajetória de vida.

“Em um ambiente tão propício às Infecções Sexualmente Transmissíveis e o Hiv e tão difícil de acessar, faz com que eu tenha a certeza de que eu esteja contribuindo para que minha história tenha significado”, conclui.

**“Chorava pensando que isso mudaria minha e vida e a capacidade de ter um dia a dia comum”**

*Rafael Bolacha*

Ator e produtor, Rafael Bolacha descobriu o HIV em 2009. Quando soube do diagnóstico, Rafael chorava muito e pensava em como esta nova realidade afetaria sua vida e a capacidade de viver com as pessoas diariamente. “Foi uma nova realidade e precisei de tempo para entender quem eu sou, quem é o meu corpo e como lido comigo e com a sociedade”, afirma.

**Hoje, com quase 10 anos de descoberta, Rafael se sente completo. Ele começou o tratamento logo no início e afirma que a adesão foi o passo mais importante para o tornasse uma pessoa indetectável**.

Rafael lembrou de sua primeira entrevista, concedida a alguns anos, em que falou sobre ser uma pessoa vivendo com o HIV e destacou uma pergunta em questão na época: Você é feliz? Quando lembra desta pergunta em questão, ele diz que pensou muito antes da resposta, por que não sabia ainda ao certo, mas que isto foi uma quebra de barreiras muito importante, pois Rafael decidiu ser feliz e continuar sua trajetória de vida.

Das escolhas feitas por ele, a mais importante foi viver. “**Escolha você! E para que que esta seja sua escolha, você tem que se cuidar**”.

**“Nunca foque no HIV. Ele não pode sobressair sobre você”**

*Márcio Ricardo*

Márcio Ricardo tem 28 anos, vive com HIV desde 2015 e está indetectável a 2 anos e 7 meses. Sua resposta ao tratamento foi muito rápida e ele afirma que, mesmo tendo que ter certos cuidados, como fazer consultas regularmente, verificar a carga viral, a vida continua plenamente.

A luta diária sempre envolve a quebra de tabus e Márcio disse que enfrentou esta questão com naturalidade. “Ao invés de afastar as pessoas, fiz o contrário, me aproximei delas e levei muita informação, pois o preconceito está ligado justamente à ausência dela”.

A família também não foi uma barreira na vida de Márcio. Sem rodeios, fez o que faz com todos que o cercam: leva informação. “**Foi muito tranquilo revelar à minha família, pois quando levamos informação verdadeira, isto promove a aproximação e retira do ar todos os preconceitos**”.

Márcio tem um papel importante neste cenário. Com sua forma didática de abordagem sobre o HIV, destaca que as pessoas que estiverem entrando neste universo devem aderir ao tratamento, pois está diretamente ligado à qualidade de vida da pessoa. “Não foque somente no HIV, pois ele não pode me resumir. Sou jovem, tenho sonhos, desejos, prazeres. São coisas que eu não abro mão. Sigo em frente”.

Mesmo tendo aderido ao tratamento sua filosofia de vida passa sempre pela prevenção. Márcio afirma que mesmo tendo a PEP e a PrEP e todos os mecanismos para se prevenir, nada substitui o uso da camisinha. “**Não existe somente o HIV. São várias IST e por isso digo aos meus amigos para usar sempre a camisinha. A PEP e a PrEP vêm para complementar, por isso que se chama prevenção combinada.** Você que é jovem vá a um Centro de Saúde e faça o teste. É melhor viver sabendo, pois a qualidade de vida não se resume no teste de HIV”.

**“Mesmo com tudo me dizendo que eu tinha prazo de validade, eu preferi acreditar que eu poderia continuar lutando pelos meus sonhos”**

*Wanessa Campos*

Wanessa Campos, amazonense que vive com HIV a 26 anos, declara aos quatro ventos que só percebeu que era igual a todos quando percebeu que deveria se amar de verdade, pois isto a ajudou a caminhar e a estar até o momento seguindo os passos para o futuro.

Existiram e existem momentos de dificuldades muito grandes, mas tudo para ela vale a pena quando sabe que falar sobre HIV faz com que outras pessoas possam ter a mesma coragem, mesma força e o mesmo amor próprio.

**Wanessa tem 3 filhos e representa a Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS no Amazonas e uma de suas bandeiras é o direito sexual e reprodutivo das pessoas que vivem com HIV**. “As pessoas devem ter direito à vida, a ter prazer, viver com alegria e intensidade e tudo o que se tem direito”.

A felicidade também é outra característica de Wanessa. Neste sentimento ela colocou sentido à vida, ao amor e, principalmente ao respeito. “**Precisamos ser respeitados, viver e olhar para frente com dignidade que nos faz levantar a cabeça para continuar e acreditar em nós, pois é muito difícil construir e realizar planos quando a gente não sente parte de nenhum deles**”.

Por isso, hoje, Wanessa demonstra toda sua vitalidade e declara que é uma mulher que lutou pela sua dignidade, lutou pelo seu direito de ser mãe e que lutou pelo direito de ser jovem vivendo com HIV. “Fui diagnosticada com 19 anos e me parecia impossível ter um futuro, mesmo com tudo me dizendo que eu tinha prazo de validade, de 6 meses a 1 ano, eu preferi acreditar que eu poderia continuar lutando pelos meus sonhos e, hoje, com 26 anos de diagnóstico eu ainda estou aqui e com muitos sonhos para realizar”.

**“Percebi que aquilo era tão parte de mim que não fazia mais diferença se as pessoas aceitassem ou não minha particularidade”**

*Rafaela*

Rafaela tem 26 anos e esta jovem psicóloga nasceu com HIV, embora a descoberta tenha ocorrido quando ela tinha 2 anos. Rafuska, como gosta de ser chamada, começou seu tratamento aos 4 anos de idade, no Hospital de Referência do Rio de Janeiro e durante este processo foi adotada pelos tios, pois perdeu seus pais biológicos que também lutavam contra a AIDS.

A infecção de Rafaela foi descoberta quando seu pai adoeceu. Na época ainda não havia tratamento, mas ela fazia o acompanhamento no Hospital de Referência do Rio de Janeiro. A jovem possui uma irmã mais velha que não contraiu o HIV e isto a fez com que ela pudesse ter uma atenção integral dos tios nos cuidados para uma pessoa que vive com HIV desde o nascimento, ou seja, de transmissão vertical.

Sua infância foi repleta de carinho e atenção pelos seus “pais”. Eles não a diferenciavam das rotinas de uma criança, apenas tomavam alguns cuidados para que ela pudesse crescer de forma saudável como qualquer outra criança em formação. “**Não havia diferença no tratamento dado a mim e a minha irmã e, por isso, não tive aquela questão de sofrer ou ficar marcado com HIV durante minha vida. Sempre foi um crescimento de forma positiva**”.

Rafaela declara que nunca teve noção sobre o que é estar indetectável, pois ainda não se aplicava este termo na época e seria muito difícil estar indetectável por vir de uma transmissão vertical. “Sempre fui uma pessoa curiosa e busquei as informações que necessitava para iniciar o tratamento. Desde então, estou indetectável a 4 anos”.

Por mais que ela tivesse a temática como parte da sua vida, ela nunca se sentiu confiante para tratar abertamente com as pessoas. Ao perceber que o HIV era parte integral de sua vida e que a verdade era a melhor opção decidiu expor sua vida. “**Percebi que aquilo era tão parte de mim que não fazia mais diferença se as pessoas aceitassem ou não minha particularidade. Então me expus**. Primeiro foi na faculdade, quando revelei na última aula, em minha apresentação final de curso. Me senti leve, como se não tivesse mais uma vida dupla”.

Hoje Rafaela lida com sua vida abertamente e diz ter conseguido levar sua vida para além do HIV. O estar indetectável deixou o quadro de saúde dela mais forte e a ajudou ampliar seus horizontes. “Tenho planos, projetos e fico feliz de saber que minha carga viral não é transmissível, o que nos faz aproximar mais ainda das pessoas”.

**“Neste momento meu mundo desabou. Não tinha a mínima noção do que iria passar. Então somente chorava”**

*Lucas Martins*

Lucas Martins é um jovem proativo. Aos 19 anos ele morava sozinho e trabalhava em dois empregos. Ele conta que, neste período, começou a ter crises convulsivas. Ficou nesta situação por duas semanas e na última e os médicos o internaram e realizaram diversos diagnósticos, porém nenhum relacionado ao HIV. Até que chegaram à conclusão que seus problemas de saúde estavam ligados a situações psicológicas, o encaminhando para um hospital psiquiátrico na cidade de Maringá.

Neste hospital, Lucas foi novamente diagnosticado e não foi constatado nenhum tipo de relacionamento psiquiátrico com suas convulsões. Novamente ele fora enviado para a Unidade de Pronto Atendimento de Maringá. Uma luta árdua que estava desgastando sua família, até que uma médica viu este desespero.

Esta especialista indicou uma colega de profissão, que não atendia pelo serviço público, e que julgou ser a mais indicada para a situação de Lucas. Seus pais, sem hesitar, disseram que faria de tudo por ele. “Eles não aguentavam mais este ir e vir e meu quadro só piorando. Chegou um momento em que não tinha mais consciência de mim. Estava com crises convulsivas constantes, febre intermitentes, entubado e sedado. Era a alternativa que deveríamos abraçar”.

Na mesma semana, Lucas recebeu antibióticos devido a seu estado de saúde. Ele teve reação adversa aos medicamentos e, neste momento, sofreu uma parada cardíaca, sendo transferido para o hospital de Maringá. “**Neste momento é que percebi que existe a mão de Deus nas coisas**”. Quando deu entrada neste hospital, a médica que foi indicada estava de folga, porém ela estava passando na frente do hospital com seu esposo e falou com ele que queria entrar para ver como estava o local.

Neste momento a médica e seu esposo, também médico, prestaram assistência para Lucas, que acabava de dar entrada no hospital. Ele foi anestesiado e quando acordou a médica deu dois resultados para ele: quadro de pneumonia e HIV positivo.

“Neste momento meu mundo desabou. Não tinha a mínima noção do que iria passar. Então somente chorava. Fiquei 15 dias internado e, inicialmente, não aceitei o diagnóstico”.

Quando Lucas voltou para a casa ainda não tinha informação suficiente para esta nova etapa de sua vida. Ele tentou retomar sua rotina. “Para mim, estava com AIDS e não sabia a diferença do que era HIV e AIDS. Após este período, ainda não tinha iniciado o tratamento. Não sabia que tinha o CTA e que o SUS disponibilizava o tratamento”.

Depois de muito sofrimento, Lucas conheceu o CTA de Maringá, onde ainda passou por 3 médicos até chegar em uma médica que disse tudo o que ele gostaria de ter ouvido desde o começo. “Precisava de informação e ela foi fundamental, pois me explicou tudo o que está disponível e então, aderi ao tratamento. **As pessoas pensam que não podemos ter uma vida normal. Eu voltei a trabalhar, faço academia, tenho projetos e sonhos**. Hoje estou indetectável e enfrento meus problemas com um sorriso no rosto”.

**“Eu tenho muita força e uma delas que me faz estar indetectável é a possibilidade de eu conseguir convivendo com pessoas que eu amo”**

*Leonardo Cezimbra*

Natural de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, Leonardo Cezimbra descobriu que era soropositivo aos 30 anos, em um *check up* preventivo que realizava periodicamente. Esta surpresa inesperada mudou toda sua vida após o diagnóstico. Assim como muitos que recebem esta notícia pela primeira vez, Leonardo pensou que poderia morrer em dois meses e que iria perder todo contato com pessoas que ama.

Mas uma coisa que faz a diferença é buscar informação. Leonardo não esperou o tempo passar e logo na primeira semana foi pesquisar sobre o HIV e as formas de tratamento. “O que me ajudou muito foi descobrir o HIV depois dos 30 anos por que isto me trouxe maturidade para buscar informações”, afirma.

Por nascer em uma cidade pequena, Leonardo sofreu *bullying* durante sua vida em razão de sua sexualidade. “**Consegui sair do armário aos 27 anos de idade e aos 30 me vi dentro de outro armário. Foi então que eu decidi que tinha que abrir esta porta de uma vez, pois não tinha como mais manter esta situação**”.

Era óbvio que, por ser uma cidade pequena, os comentários começariam a surgir. O centro de saúde era no centro da cidade e Leonardo, mais uma vez, teve que passar por situações de preconceito. “**Algumas pessoas chegaram a não fazer aulas comigo por que tinham medo da água da piscina estar infectada.** Por isso, me expus de vez. Faltava informação para as pessoas e sentia que deveria passar para elas”.

Antes, Leonardo comunicou sua família de sua decisão, pois este passo também os envolveria. Ele iniciou o tratamento e quando percebeu que estava bem, expôs abertamente. “Algumas pessoas se afastaram. Foram muitos *nãos* em relacionamentos e outros *nãos* de antigos amigos, que se afastaram e não me ligaram mais”.

No entanto isso fez com que ele descobrisse uma força que talvez nunca soubesse. Leonardo conseguiu esta força pelo acolhimento de sua família e pela adesão ao tratamento. “O medicamento funciona como um herói e não como um bandido. O começo foi difícil a adaptação, mas tinha certeza que colheria os louros, que iria ficar tudo bem”.

Leonardo começou a escrever suas experiências anonimamente em uma página nas redes sociais e com o tempo ele deixou o anonimato e assumiu sua identidade. A página se chama *Confissões de um soropositivo*. “Reuni todas estas confissões que escrevi e publiquei um livro e isso gerou um canal no youtube e outras pessoas começaram a se identificar e enxergar nos relatos a possibilidade de ficarem bem ou por que descobriram este diagnóstico”.

“Eu tenho muita força e uma delas que me faz estar indetectável é a possibilidade de eu seguir convivendo com pessoas que eu amo”.

**“Ou eu me deixava escravizar, ser engolido pelas pessoas, ou eu vivia com a verdade, que é o meu ser”**

*Jaqueline Rocha Cortes*

Mãe, esposa dedicada e que deseja sempre o melhor para seus filhos e tem uma vontade enorme de concretizar uma porção de projetos em sua vida. Assim é “Jacque”, como gosta de ser chamada. Uma mulher trans que vive com HIV há 24 anos.

Quando soube de seu diagnóstico ela se viu em um filme de terror devido às condições de tratamento daquela época. **Para se ter uma ideia, a dificuldade em 1994 era tamanha que Jacque tomava 28 medicamentos por dia**!

Por mais que a quantidade de remédios fosse grande, era necessário para fortalecer o organismo. E assim ocorreu... os mecanismos de defesa dela subiram e a carga viral baixou. “A partir deste momento, eu nunca mais deixei de tomar os medicamentos”.

A adesão ao tratamento para o HIV passou, primeiramente, por um processo de autoconhecimento. “Antes de aderir ao tratamento, você deve aderir a sua própria AIDS. É aceitar esta condição e não brigar contra, pois **a adesão deve ser influenciada por diversos fatores, que são: uma vida saudável, boa alimentação, vida mental minimamente boa**. São estas e outras questões que me alavancam para viver. Eu decidi seguir em frente... escolha você o tratamento também”.

**“Você tem que se permitir e continuar sua vida do jeito que é. Podemos mostrar que é possível sim!”**

*Geovanni Henrique e Jeandro Borba*

Em uma bateria de exames de rotina realizadas em 2014, Geovanni descobriu que havia contraído HIV. Assim como diversas pessoas que recebem o diagnóstico positivo, ele carecia de informações e não possuía em seu círculo de amizades alguém que também já houvesse passado por este processo.

Em sua formação como estudante do ensino médio ouvia falar de DST/AIDS, como era o processo de infecção, participava de palestras sobre o tema, mas nunca se questionou ou foi falado sobre o depois do diagnóstico, ou seja, como é viver com o HIV. “**Depois que abri minha sorologia foi que descobri que haviam muitas pessoas na mesma situação que a minha, mas que também não se declaravam devido ao preconceito**”.

Geovanni tem 25 anos e se declarou para o mundo em sua página nas redes sociais. Após esta exposição, ele foi chamado para participar de programas em televisão, onde pode explicar melhor sobre seu caso e informar à sociedade sobre o tratamento e o preconceito.

“Possuo um perfil em aplicativo, mas percebi que muitas das pessoas me procuravam para extrair informações, sanar suas dúvidas e não para buscar uma relação, por que muita gente que vive com HIV se esconde devido ao preconceito. Foi então que eu pensei que não arrumaria ninguém”.

Mas a vida é uma caixinha de surpresas!!! Geovanni conheceu Jeandro Borba que quebrou as barreiras que estavam dentro dele. “Por estar nesta condição, ninguém vai me querer mais”, afirmou Geovanni.

Pois ao contrário disso, Jeandro lembra que faz parte da qualidade de vida de uma pessoa ela possuir relacionamentos. “**Eu não tenho HIV, mas eu convivo com HIV por que o Geovanni vive com HIV. Nós temos um relacionamento sorodiferente**”.

Eles já estão juntos há 1 ano e a sorologia deles continua diferente devido aos vários métodos de prevenção. “Escolhemos a mais adequada para o nosso relacionamento e cada casal ou pessoa pode escolher o seu tipo de prevenção. O que precisa é acabar com o estigma, a medicação e o medo”, diz Jeandro.

Geovanni defende a liberdade sexual com prevenção. “Quando você descobre que é soropositivo, você tem que transar muito, namorar muito, tem que se permitir e continuar sua vida do jeito que é. Podemos mostrar que é possível sim!”.

Geovanni reconhece que o acolhimento logo no início do seu diagnóstico foi fundamental para ele. “O que me tornou indetectável foi um conjunto de fatores. Foi o profissional de saúde que se dispôs a me ajudar, o carinho dos meus pais, dos meus amigos, por eu não ter sido excluído devido ao HIV”.

**“Escondidos criamos monstros e vamos assumindo a marginalidade que a sociedade quer nos impor”**

*Beatriz Pacheco*

Esta “velhinha folgada”, como Beatriz Pacheco costuma se chamar, tem 70 anos, é **advogada aposentada e vive com HIV há 25 anos, no tempo em que ainda se dizia que ter HIV era decretar sua sentença de morte**.

Era um dia lindo de sol quando Beatriz recebeu seu diagnóstico. Ela então ligou para seu marido e disse “Carlos, meu exame deu positivo. Estou indo para casa”. Ao chegar em sua residência pensou que seria recebida com apoio, com um abraço e uma frase do tipo “isto irá passar”.

Mas a demonstração de nervosismo era tamanha que seu esposo a chamou de assassina. “Quem estava com HIV era eu. Mas naquela época as pessoas achavam que simplesmente tocar em outro, transmitia o HIV”.

O marido de Beatriz também fez o exame e naquela época demorou cerca de 90 dias para o diagnóstico. “Ele chegou em casa chorando e disse para me arrumar que eles iriam sair. Neste momento ele tirou o exame e vi que era negativo”.

Foi um dos momentos mais felizes da vida de Beatriz, pois ela soube que não havia infectado seu esposo. Ao mesmo tempo, as incertezas vieram em sua mente. Neste momento chegou a pensar que “**aquele homem maravilhoso, aquele homem que eu amava, agora vai me deixar**”.

No entanto ele nunca a abandonou e Beatriz aderiu ao tratamento. Com os novos medicamentos ela ficou indetectável em 1999, depois de apenas 3 anos de tratamento. “Ano que vêm eu tenho que fazer uma festa. Em 2019 eu completo 20 anos de carga viral indetectável, por isso quem puder não se esconder vale à pena. Escondidos criamos monstros e vamos assumindo a marginalidade que a sociedade quer nos impor”.

**“Para mim, 1988 foi uma morte social, por que falar sobre o diagnóstico envolvia também minha orientação sexual”**

*Américo*

“Descobri minha sorologia em 1988 de uma maneira inesperada. Estava a caminho do trabalho e resolvi passar em uma unidade de saúde para fazer o exame. Eu tinha um companheiro que alguns amigos dele estavam falecendo de AIDS nesta época”.

**Américo recebeu o resultado dos exames como uma sentença de morte**. “Foi uma morte social, por que falar sobre o diagnóstico envolvia minha orientação sexual”. Ele viveu com HIV durante 8 anos e somente iniciou o tratamento com antirretrovirais após este período.

“Como eu convivia com outras pessoas e via os efeitos colaterais, dizia que aquilo não era para mim”. No entanto sua carga viral aumentou neste período e o médico enfatizou o uso dos medicamentos para a melhora de seu quadro.

Mas sempre é bom lembrar que há 3 décadas, a quantidade de medicamentos era enorme. As pessoas que viviam com HIV chegavam a tomar de 16 até 28 comprimidos. “**Atualmente vemos que o paciente toma no máximo 3 comprimidos. Hoje esta geração de jovens possui um leque muito amplo de prevenção** para que ele não adquira nenhuma IST”.

Américo lembra que após 30 anos com HIV e com a evolução do tratamento, ele conseguiu estar indetectável e hoje almeja ainda mais para sua vida.

**“Hoje eu vivo brincando, rindo, chorando, me cuidando e vivendo meus lutos.”**

*Cida Lemos*

No ano 2000 ela recebeu o diagnóstico de HIV positivo. Sua primeira afirmação foi “Isso não tem nada a ver comigo”. Nenhum médico até então havia pedido um teste para o HIV, pois diziam que não era o perfil de Cida Lemos.

Porém ela começou a ter quadros de febre e fez diversos exames e todos negativos. Não satisfeita, Cida foi a uma reumatologista pois disseram que ela poderia estar com febre reumática. E o resultado: negativo.

“A médica me perguntou, mesmo com o resultado de todos os exames, se eu não faria o teste Anti-HIV... Eu fiz e quando estive no consultório a médica me disse que não tinha lúpus, nem febre reumática, e sim AIDS”.

Na ocasião, **a médica foi enfática ao dizer para Cida que ela poderia se apegar e acreditar em qualquer coisa, mas que era necessário que ela buscasse um médico e o medicamento**. E assim ela aderiu ao tratamento.

Assim como todas as pessoas que foram diagnosticadas com HIV positivo a mais de uma década, Cida passou por uma lida diária de dezenas de comprimidos. “Eram comprimidos ruins e com gosto horrível! Mas hoje eu tomo apenas um comprimido e estou indetectável há 16 anos”.

Mas Cida teve um alerta um ano após a descoberta do HIV. Em 2001 ela sofreu um ataque de citomegalovírus que atacou sua visão fazendo com que ela perdesse totalmente este sentido. “**Vocês imaginam uma mulher com HIV e ainda cega. Eu perdi o direito de ir e vir**”.

Cida buscou ajuda em uma instituição e descobriu que, na verdade, ela é quem daria ajuda. “Eu conheci pessoas que não tinham estrutura, não tinham família, nem casa para morar. Ajudei estas pessoas a se superarem e acabei ajudando a me superar também. Hoje eu vivo brincando, chorando, rindo, me cuidando e vivendo meus lutos. Sim, por que quando você está mal, está de luto, mas levanto e volto à vida”.

**“A enfermeira me disse que o teste deu negativo, mas achava que eu estava com AIDS e me pediu para voltar em 6 meses”**

*Vladimir Reis*

No final da década de 80 Vladimir já ouvia falar pelos noticiários uma doença que acometia os Estados Unidos, chamada de Peste Gay. Com memória intocável, ele se lembra que no Brasil nada era muito falado a respeito do tema. “**O Ministro da Saúde enfatizou que a doença não chegaria ao Brasil, por ser tipicamente de gays norte-americanos e europeus**”.

Ele trabalhava no Porto de Suape, na indústria náutica e um de seus companheiros de trabalho que gostava de se vestir bem, cuidava da saúde, dos cabelos e da barba. Mas Vladimir percebeu que, em certo momento, seu colega começou a descuidar neste sentido. “Perguntei a ele se estava acontecendo alguma coisa. Mas ele negou. No entanto começaram as faltas ao trabalho e sua esposa um dia me liga dizendo que estava doente e que não poderia trabalhar”.

Vladmir ficou preocupado e falou com a proprietária da empresa que o solicitou que fosse com seu motorista na casa deste colega. “Era sexta-feira e peguei este colega e o levei a um pneumologista que deu quadro clínico de tuberculose. O médico disse que iria interná-lo na segunda-feira, em um hospital público e que ficassem calmos que ele voltaria ao trabalho em uma semana”.

Neste tempo, seu colega faleceu. Vladimir recebeu a notícia que ele havia tido convulsões no final de semana e faleceu a caminho do hospital. Em seu enterro, os familiares jogavam cal e fechavam o caixão com pregos. “Fiquei assustado com aquilo e, quando me aproximei do caixão, seus familiares pediram que me afastasse pois ele havia morrido de AIDS”.

Isto não impediu Vladimir de Despedir de seu amigo. “Pensei quão injusto foi para ele dar o suor do seu trabalho para o sustento da família e ser visto desta forma em seu enterro.

Ao voltar para o trabalho Vladimir se deparou com uma situação ainda mais inusitada. Outros colegas de sua empresa perguntavam se podiam almoçar junto a ele, beber em copos ou mesmo trabalhar e isso aconteceu também em seu círculo de amizade. “Fiquei sem entender o porquê de tudo aquilo, então me fiz a pergunta: será que estou com AIDS?”.

Nesta época, Vladimir tinha 24 anos e, para tirar a limpo a história, Vladimir foi a um serviço de referência no tratamento de pessoas com HIV/AIDS e sentiu o peso do que era ser uma pessoa com HIV positivo. “Ao entrar na sala de espera as pessoas estavam todas sentadas olhando para baixo. Elas não se encaravam por vergonha de estar naquela condição. Fiz o exame, contei a história de meu colega e, quando recebi o teste, tinha dado negativo, mas a enfermeira me disse que mesmo dando negativo achava que eu estava com AIDS e me pediu para voltar em 6 meses”.

Por 4 vezes ele se dirigiu ao serviço público sem respostas para teste. Passou meses em angustia por não saber se tinha ou não HIV e, mesmo sem diagnóstico preciso, familiares e amigos começaram a desaparecer. Em sua última ida, ele fez o teste e o resultado foi positivo. Foram meses vivendo a angústia de não saber e agora a imersão na angústia em saber do resultado.

Quando ia a encontros públicos as pessoas o cumprimentava com uma pergunta: Quando você irá morrer? “Depois disso busquei ajuda com uma prima minha que era psicóloga. Ela me indicou um serviço de uma universidade pública e foi quando me senti realmente acolhido. Fui encaminhado para o Hospital Federal de Pernambuco e todos os profissionais eram muito preparados. Para se ter uma ideia a pessoa que retirava meu sangue era também uma psicóloga que fazia perguntas sobre minha família e minha vida”.

**Foram anos difíceis pois Vladimir presenciou suicídios e diversas mortes, inclusive por causa do preconceito e da discriminação**. No momento em que começaram a chegar os medicamentos, as mudanças foram visíveis. “Hoje estamos na quarta geração de remédios. O Brasil consegue medicamentos de primeira e segunda linhas no serviço público de saúde para a adesão ao tratamento. Hoje eu sou indetectável. Isto é importante para mim e para todos”.